

Racismo, mídia e futebol: efeitos do discurso antirracista no caso Vini Jr.¹

Viviane de Melo Resende
Universidade de Brasília, Brasil

Sinara Bertholdo
Secretaria de Educação do Estado de Goiás, Brasil

Introdução

No dia 21 de maio de 2023, o atacante do Real Madrid Vinícius José Paixão de Oliveira Júnior foi vítima de ataque racista que ganhou relevância global. No dia seguinte, os principais jornais da Europa e do Brasil estampavam notícias e textos acerca da violência racista contra o jogador de futebol, mais conhecido como Vini Jr., e um acalorado debate se construiu nas redes sociais e em outras esferas.

Naquele dia, Vini Jr. foi alvo de gritos e insultos racistas em um jogo do campeonato espanhol La Liga, em Valencia, no estádio Mestalla. Em resposta ao ataque sofrido, o jogador se pronunciou em suas redes sociais. Eventos racistas não são raros no campeonato La Liga, e outros casos, inclusive contra jogadores brasileiros, já haviam repercutido mundialmente. No entanto, a reação de Vini Jr. foi diferente, e deu o tom do impacto com que o caso repercutiu: sua reação articulou discurso de resistência antirracista próprios dos movimentos negros.

Neste artigo, tomamos ferramentas da análise de discurso crítica (Fairclough, 2003; van Dijk, 2008a; Resende, 2019) para analisar cadeia de textos e eventos a partir do primeiro tuíte publicado por Vini Jr. no dia 21, em resposta aos ataques racistas sofridos no âmbito de sua prática como jogador

¹ O texto deste capítulo foi publicado em artigo homônimo, na revista Calidoscópio, v. 21, n. 3, em 2023. O artigo original está disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/26780>.

de futebol profissional, e sua repercussão dentro e fora dessa rede social. Com isso queremos mapear relações entre: a prática reiterada de racismo contra o jogador; a reação de Vini Jr. nas redes sociais como aspecto inovador na prática; possíveis relações entre sua reação e discursos do movimento antirracista; potenciais efeitos dessa inovação na prática que tornaram o caso distinto de episódios anteriores.

Colonialidade, racismo, discurso e subjetividade

As relações causais entre as invasões no continente americano e a modernidade europeia expõem que a acumulação de capital que tornou possível a modernidade foi resultante da superexploração de populações racializadas, mediante a qual a Europa pôde fazer-se rica e central pela primeira vez na história (Federici, 2017). Compreender essa interdependência de colonialidade-modernidade elucida também o presente: podemos observar as persistências históricas nas formas e contornos que a colonialidade assume nos nossos dias.

Quijano (2010, p. 84) sustenta a colonialidade como elemento constitutivo do poder capitalista, logrado pela via da “imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder”, que “opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social”. Grosfoguel (2018) insiste que quando falamos da colonialidade e do Ocidente, não podemos esquecer que o Ocidente colonial não está apenas “lá”, está aqui, entre nós, dentro de nós, em nossas identidades e nossas formas de pensar. Ou, nas palavras de Esteva (2018, s/p), “não podemos ver o Ocidente porque é o Ocidente que vê por nossos olhos”.

Maldonado-Torres (2007) também argumenta que é a hierarquização entre formas do humano e não-humano o que define a colonialidade do ser, conceito que sustenta a partir das formulações de Fanon (2015) a respeito do espaço de não ser e da negação ontológica do ‘outro’ - isto é, a produção ativa do ‘outro’ como inexistente ou inumano. Retomando Fanon, Maldonado-Torres (2007, p. 257) pergunta-se sobre o significado de *damné*, e conclui que “o *damné* é o sujeito que surge em um mundo marcado pela colonialidade do

Ser. O *damné*, como disse Fanon, não possui resistência nos olhos do grupo dominante. O *damné* também é invisível ou excessivamente visível”.

Para Ramose (2018) essa metáfora do olhar também serve para pensar a colonialidade pela diferença entre ser visto ou ser detectado. Populações nativas ameríndias e africanas, ele nos diz, não foram vistas por europeus, mas sim detectadas como um instrumento de acumulação. “Ainda não somos vistos”, afirma Ramose sobre o continente africano, no plano da política internacional. Nos contextos nacionais, nos planos políticos e pessoais, há grupos sociais que seguem não sendo vistos. Pessoas negras podem não ser vistas pelas políticas sociais, mas são sempre detectadas como problema pelas forças de segurança: ora invisíveis às políticas públicas e à sensibilidade social, ora excessivamente visíveis às forças repressoras e aos julgamentos sociais.

Nascimento (2019) argumenta que a negritude não é autoidentificação identitária das populações negras, mas imposição de uma alteridade construída por meio de sinais negativos, na recorrência de piadas racistas e provérbios que associam a negritude a irracionalidade, preguiça, violência. Por isso a representação discursiva de pessoas negras está dialeticamente relacionada à prática do racismo, e Patricia Hill Collins (2016, p. 106) reconhece o trabalho da ideologia quando argumenta que “tanto ideologias racistas como sexistas compartilham a característica comum de tratar grupos dominados - os ‘outros’ - como objetos aos quais falta plena subjetividade humana”.

Essa construção de um ‘outro’ como ‘não-ser’, no qual a humanidade seria sempre uma promessa incompleta, é o cerne, também, do dispositivo da racialidade, uma noção relacional informada pelo racismo e que estrutura hierarquias de poder/saber, conforme defende Sueli Carneiro (2005, p. 43):

O dispositivo de racialidade ao demarcar o estatuto humano como sinônimo de brancura irá por consequência redefinir todas as demais dimensões humanas e hierarquizá-las de acordo com a sua proximidade ou distanciamento desse padrão.

Em seu mais recente livro, Muniz Sodré (2023, p. 86-7) discute como o discurso de distanciamento de eventos racistas desemboca em um “conveniente negacionismo intelectual do anacrônico sentimento discriminatório”. Para ele,

a forma social escravista cria a “relação racial” na esteira de uma histórica desconfiança residual ou uma aversão existencial ao indivíduo de pele escura, marcando espaços materiais e psíquicos nas relações intersubjetivas, embora gerando imagens convenientes de negação do racismo *stricto sensu*.

No caso em tela, a reação enfática e imediata de Vini Jr. não permitiu esse distanciamento. Essa rede de visibilidade, das mídias sociais para a mídia profissional, é considerada uma tendência no estudo de Teun van Dijk (2021, p. 40) sobre o movimento antirracista no Brasil: “mensagens antirracistas muito influentes nas mídias sociais costumam ser reproduzidas na mídia profissional e, assim, ter influência secundária por meio de sua legitimação pelo discurso da elite”, num “círculo de influência e reprodução”. No fio discursivo que se teceu a partir dos pronunciamentos de Vini Jr. em redes sociais, desvelou-se o negacionismo de autoridades, acionando a visibilidade midiática e efeitos em outras esferas da política e da diplomacia.

Racismo, branquitude e os ataques racistas contra Vini Jr.

Eventos racistas cotidianos permeiam construção social e identidades nacionais. Assim como Gonzalez (2020), Carneiro (2011) também discute o mito da democracia racial no Brasil, uma falácia que Nascimento (2019) nomeia de ‘racismo cordial’.

O termo racismo cordial foi usado pela primeira vez nos anos 1990, como uma atualização ou confirmação do mito da democracia racial, na publicação do conhecido estudo do DataFolha, publicado pela Folha de S. Paulo, que apontou a exorbitante taxa de 87% de pessoas brancas assumindo-se “intolerantes” em relação às pessoas negras - van Dijk (2021, p. 151) destaca, sobre esse estudo, que não se explicitou o que se entendia por “tolerância”. A conclusão do estudo foi que o povo brasileiro é racista, mas que esse racismo seria praticado de uma forma “cordial”.

Embora hoje essa conclusão seja considerada absurda, tendo em vista, por exemplo, os índices de assassinato e encarceramento de jovens negros, ou de violência contra mulheres negras em comparação com as brancas, esse mito esteve e ainda está impregnado na naturalização de discursos e práticas racistas

em formatos de piadas e “brincadeiras”, o chamado “racismo recreativo”, uma forma poderosa de disseminação de ideologias e atitudes racistas.

O caso dos ataques recorrentes ao jogador Vini Jr. aponta a necessidade de uma visão ampla do sofrimento e trauma que o racismo impõe. Estamos falando aqui de um jovem reconhecido no âmbito supervalorizado do futebol profissional, uma posição de destaque que põe em foco midiático a reiterada violência contra ele. Em que pese o sofrimento expresso em seu rosto nas imagens transmitidas e retransmitidas do ataque de 21 de maio de 2023, a reação de Vini Jr. desafiou a prática naturalizada no futebol espanhol, e teve efeitos inesperados em outros domínios.

A concepção de raça é um problema dos brancos, mas a forma de agir no mundo em resistência a esse conceito é um dever de todos os negros, ainda que não devamos, do ponto de vista ontológico confundir o negro com a animalidade da luta e da resistência. É dever no sentido de continuar existindo, e os negros têm agido no mundo, em suas estratégias, para fazer isso (Nascimento, 2019, p. 108).

Na sequência do evento racista de 21 de maio de 2023, Vini Jr. luta pelo seu direito de existir e agir no mundo, exige reconhecimento da arbitragem acerca dos ataques sofridos, chama atenção para os gritos da torcida.

Imagem 1. Vini Jr. reclama da violência verbal por parte da torcida



Fonte: frame de vídeo amplamente disponível em páginas de jornais on-line e redes sociais. Retirado de <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/vini-jr-se-pronuncia-apos-racismo-nao-e-futebol-e-la-liga>

A agressão a Vini Jr. no jogo entre Real Madrid e Valencia aconteceu dentro e fora do campo. Foi agredido verbalmente pela torcida, fisicamente pelos jogadores adversários e institucionalmente pela equipe de arbitragem, pois sendo vítima de violência foi o único expulso de campo. Para isso operou

a seleção discursiva do árbitro de VAR da partida, que selecionou uma sequência de imagens ocultando a agressão física contra Vini Jr. para instruir o árbitro que expulsou o jogador brasileiro.

Imagem 2. Vini Jr. sofre uma “gravata” de jogador do Valencia



Fonte: frame de vídeo amplamente disponível em páginas de jornais on-line e redes sociais.

Retirado de <https://twitter.com/lazarorosa25/status/1660696277808496662>

Em artigo de opinião sobre o racismo na trajetória do jogador brasileiro, o pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco Guilbert Araújo (2023, s/p) escreveu:

se [Vini Jr.] reclama da perseguição, é ele quem geralmente é punido. É no mínimo curioso que na La Liga ele possua uma expulsão e quinze cartões amarelos, enquanto que em competições internacionais só recebeu um único cartão amarelo - por falta tática, vale ressaltar.

No caso dos ataques de 21 de maio, o juiz, informado parcialmente pela seleção de imagens que lhe foram enviadas por seu assistente, entendeu as atitudes de Vini Jr. como antijogo e o expulsou da partida. Mas o jogador (branco) que lhe deu o golpe conhecido como “gravata” não foi expulso, nem foram punidos pela arbitragem os insultos racistas que desencadearam o conflito. A seleção de imagens que o assistente disponibilizou ao árbitro para seu julgamento, assim como a própria decisão por expulsar apenas Vini Jr. escancaram a forma social escravista explicada por Sodré (2023) em sociedades consideradas democráticas, mas com atitudes protofascistas e fascistas, em que discursos e práticas racistas não são questionados.

A branquitude é a prática de perpetuação do que Sodré define como “forma social escravista”: é através do discurso e da prática da branquitude que os eventos racistas ocorrem e se naturalizam, com uma base de conhecimento

compartilhado “sobre eventos e situações racistas prototípicas” (van Dijk, 2021, p. 29). O evento em tela atualiza assim, uma vez mais, o pacto narcísico da branquitude, que Cida Bento (2022) define como um acordo não verbalizado para perpetuar o poder de pessoas brancas em relações interraciais.

A pessoa negra envolvida no conflito, por mais que seja a vítima de diversas formas de violência (verbal, física, institucional), é interpretada como violenta, incivilizada, bárbara, e daí sua expulsão do campo. O que se escancara é o privilégio branco sendo mantido na expulsão apenas do jogador negro agredido dentro e fora do campo, pois nenhum dos racistas é imediatamente punido,² e é isso que Vini Jr. reclama em sua primeira reação discursiva pelo Twitter após o evento.

Antes de seguirmos o fio narrativo da sequência discursiva que se desenrola a partir do primeiro tuíte de Vini Jr. no mesmo dia dos ataques, vejamos as balizas onto-epistemológicas que nos orientam a compreensão do caso e seus efeitos.

Estudos críticos do discurso: estruturas, práticas e eventos

De acordo com as abordagens crítico-realista (Chouliaraki e Fairclough, 1999) e sociocognitiva (van Dijk, 2009) dos estudos críticos do discurso, entendemos a dimensão constitutiva do discurso balizada pela relação transformacional entre estrutura e ação social, e seus efeitos sobre a compreensão da realidade e a disputa em torno de ideologias. Nas palavras de Nascimento (2019, p. 86), isso significa entender discurso “como o lugar onde o mundo se cria e recria”, mas sem perder de vista o “mundo físico, histórico e social antes do discurso per si”.

Partindo de elaborações crítico-realista, transformacional e sociocognitiva de linguagem-sociedade, analisamos a cadeia discursiva que se constrói a partir do primeiro tuíte de Vini Jr. após o jogo e até três dias depois. Nosso objetivo é discutir as práticas antirracistas do jogador em vista dos eventos do

² Posteriormente, como detalhamos à frente neste artigo, sete pessoas foram presas por ataques racistas contra Vini Jr. no campeonato espanhol, três das quais presentes no jogo de Valencia, e parte da equipe de arbitragem da partida foi demitida.

mesmo período e seus efeitos discursivos no encadeamento de textos e eventos nos três dias subsequentes.

Obviamente a cadeia de textos e eventos que reconstruímos não é exaustiva e se limita a um fio entre muitos dos enredados nesse evento. Não queremos discutir os aspectos da complexidade do discurso digital, como faz Marie-Anne Paveau (2021), por exemplo, nem realizar minuciosa análise textualmente orientada, como proposto por Fairclough (2001) e Magalhães (2017). Tomamos esse corpus de discurso-prática a fim de explorar a seguinte questão: como os tuítes de Vini Jr., acionando discursos vinculados ao movimento antirracista, desafiam a naturalização do racismo no futebol profissional com efeitos inesperados para além desse âmbito? Nossa análise, então, olha mais para a cadeia de textos e eventos que para os textos em seus aspectos linguísticos.

Compreender as práticas antirracistas nos tuítes de Vini Jr. é uma forma de reflexão sobre como o reconhecimento a respeito do racismo e das práticas sociais que o envolvem conduzem novas reações a velhos protocolos racistas. Entendemos que esse é um resultado sociocognitivo e discursivo (van Dijk, 2014) da ação reiterada do movimento antirracista, que traz à consciência outras formas de compreender as relações raciais racistas, suas formas de materialização e os possíveis modos de reação.

Sendo as práticas racistas controladas por ideologias racistas, um dos objetivos centrais das ações antirracistas é desmobilizar essas ideologias. Entendemos com van Dijk (2021, p. 32) que atividades antirracistas e as atitudes antirracistas subjacentes são organizadas por ideologias antirracistas que reúnem categorias como identidades, ações, objetivos, normas, valores e grupos de referência: “uma ideologia antirracista subjaz a atitudes antirracistas - e os discursos e outras práticas que as expressam”.

Como o conhecimento antirracista é fundamental para um envolvimento em práticas e discursos de resistência, um letramento antirracista é potencialmente propulsor de mudança social, nos termos de Nilma Gomes (2017) quando nos fala do movimento negro educador. Para ela, movimentos sociais são “produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade” (Gomes, 2017,

p. 16). A atuação política e pedagógica dos movimentos negros promove a dispersão de outros discursos sobre racialidade e sobre relações raciais, fortalecendo padrões de resistência tais como a de Vini Jr.

A repercussão da reação de Vini Jr. e o encadeamento de textos e eventos resultantes são dados preciosos para entendermos como a consciência crítica pode transformar relações hegemônicas de poder (Fairclough 1992, 2010; van Dijk, 2009). Daí a necessidade de aprender sobre o letramento antirracista para que, no cotidiano de nossas experiências pessoais, possamos transformar nossas próprias práticas colonizadas por discursos racista ancestrais e decolonizar nosso pensamento e nossa subjetividade, ainda tão atrelados aos privilégios da branquitude. Em um esforço de repensar práticas sociais, entendendo a conjuntura da prática particular do racismo no discurso, na vida social e na vida pessoal, atentar ao discurso antirracista empreende uma potência de desvelamento também dos modos como a hegemonia branca se mantém.

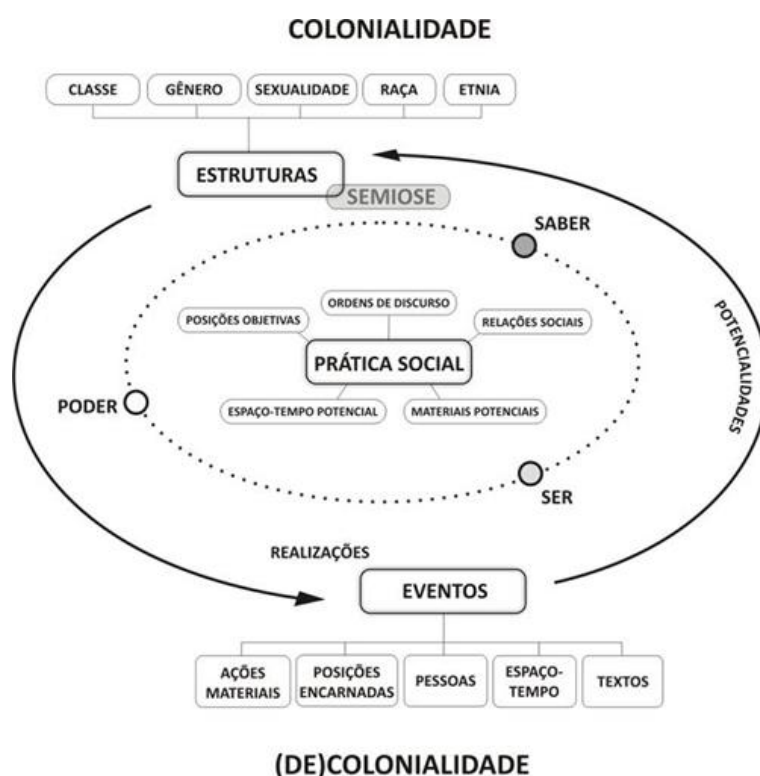
Para acessar os componentes ontológicos que pretendemos conhecer, escolhemos partir de Carneiro (2011), Fanon (2015), Ramose (2018), Kilomba (2019), Nascimento (2019), Gonzalez (2020), van Dijk (2021), Sodré (2023) e Vainer (2023), em uma reflexão epistemológica crítica que se posiciona diante da mentalidade branca amplamente difundida na ciência e na mídia. Os textos que estudamos ilustram algumas das formas como práticas racistas são promovidas ou desafiadas em eventos. A centralidade do discurso aponta o encadeamento infinito de textualização do racismo, que conforme Nascimento (2019) está imbricado, desde a estrutura da língua colonial branca que utilizamos e desafiamos, até as ordenações de gêneros, discursos e estilos em que essa língua é posta em marcha, ora de maneira lenta e discreta, ora aos berros.

A linguagem do racismo é universal. Os xingamentos em português, espanhol, inglês, francês ou em qualquer língua colonial são compreendidos na semiose do evento racista, que não demanda tradução justamente porque o racismo é um discurso universal que por séculos viajou de caravela, e ainda hoje viaja de avião e afunda muitas embarcações no anônimo cemitério Mediterrâneo. O racismo antinegro não é um problema restrito das ex-colônias que sofreram os séculos da escravização africana: é o presente e modula

práticas em nível estrutural, isto é, estrutura a realização de práticas em eventos pertencentes a variados domínios discursivos e escalas. No contexto deste trabalho, em escala global no futebol profissional.

O mapa ontológico proposto por Resende (2019) ilustra a perspectiva teórica que adotamos para este estudo:

Figura 1. Mapa ontológico para estudos críticos do discurso de base decolonial



Fonte: Resende (2019)

O mapa ontológico apresenta níveis de abstração em relação transformacional, nos termos do Realismo Crítico (Bhaskar, 1998): estruturas, práticas e eventos. Entre as estruturas, Resende (2019) reconhece o sistema de relações raciais, balizado por outras estruturas com que intersecciona. A relação transformacional aqui implica que entre os níveis de abstração (estruturas, mais abstratas, e eventos, mais concretos; mediados pelas práticas ordenadoras do potencial estruturante) há, por um lado, recursos e constrangimentos, e por outro reificação e transformação. Bhaskar (1998) explica seu modelo transformacional da atividade social em minúcias filosóficas e sociológicas. Para nós, será melhor uma explicação de base prática, a partir do caso estudado.

O sistema de relações raciais, sendo estruturalmente racista, baliza a realização de eventos racistas concretos em diferentes domínios de ação social e de discurso, e os diferentes domínios são regulados pela ordenação intermediária das práticas sociais. Assim é que, por exemplo, no domínio do esporte profissional mediado por meios massivos de comunicação, há regularidades na realização de eventos racistas, tanto no discurso quando em outros elementos da prática. Isso significa dizer que existem formas semióticas recorrentes de realização e mediação do racismo nesse campo, incluindo as previsíveis reações (ou o previsível consentimento).

A figura também ilustra relações dialéticas entre os elementos internos de cada um desses níveis de abstração - das estruturas, nas relações interseccionais de raça, classe, gênero etc.; das práticas, nas relações internas, de mútua constituição, entre a ordenação do discurso e os demais elementos da prática; dos eventos, na realização dos elementos da prática em textos, ações, posições etc. Enquanto a relação entre os níveis de abstração é transformacional, ou seja, de retroalimentação ao longo do tempo, a relação entre os elementos constituintes de cada nível é interna, dialética, pois se trata de elementos em articulação simultânea (Chouliaraki e Fairclough, 1999; Resende, 2017a).

Os dois conjuntos de relações - transformacionais e dialéticas - são constitutivas da regulação e da mudança social. A ação social é constrangida por permanências relativas de práticas sociais - os eventos que realizam as práticas as sustentam ou as transformam, em variadas circunstâncias sociais. A articulação dialética entre os momentos constituintes de estrutura, prática e evento aponta a hegemonia como permanência relativa de articulações dos elementos sociais: as práticas e estruturas podem ser desafiadas nos eventos, o que pode levar a desarticulação.

O conceito de articulação é usado por Laclau e Mouffe (1985) para conceituar poder. Para Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 25) “essa conceituação ilumina a possibilidade inerente de desarticulação e rearticulação: a hegemonia é uma questão de fechamento de práticas e redes de práticas destinado a ser rompido porque o social é por natureza aberto”. Se os recorrentes ataques racistas a Vini Jr., mesmo antes da data que tomamos como marco inicial nessa reflexão, sugere o fechamento pela iteração de

práticas, as reações a partir de 21 de maio e seus efeitos mostram a desarticulação como possibilidade.

Entendemos que as reações de Vini Jr. desencadeando esse processo se colocam em relação interdiscursiva com fatos e feitos do movimento antirracista, que, desafiando ideologias constrói formas alternativas de conhecimento e ação. Para Nilma Lino Gomes (2017), o movimento negro ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça e explicita como ela opera na construção de identidades étnico-raciais. Ao ressignificar a raça, o movimento negro constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana. Isso promove outra visibilidade à questão racial, pois ao politizar a raça, esse movimento social indaga relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas, e retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social.

Em seu estudo sobre impactos do movimento antirracista sobre ações individuais e coletivas o Brasil, Amilcar Pereira, Jorge Maia e Thayara Lima sustentam que a circulação da luta antirracista possibilita adesão de sujeitos que mesmo sem se identificarem necessariamente com qualquer instituição mais estruturada do movimento negro, participam desse movimento. É assim que os efeitos da luta antirracista se estendem para além dos indivíduos e coletividades que atuam diretamente na produção dessa luta. Em suas palavras, “o contato com a cultura de luta antirracista educa/reeduca e possivelmente gera mudanças na maneira como essas pessoas se colocam frente às questões ligadas ao racismo” (Pereira et al., 2020, p. 179).

Isso aponta relevância da dimensão sociocognitiva dos estudos críticos do discurso (van Dijk, 2021). Conforme Gonzalez (2020, p. 34) assegura, “a eficácia do discurso ideológico é dada pela sua internalização por parte dos atores (tanto os beneficiários quanto os prejudicados), que o reproduzem em sua consciência e em seu comportamento imediatos”. Os privilégios de raça estão epidermizados assim como as correspondentes subalternizações.

É preciso, sempre, questionar os saberes universais da branquitude, que embora simulem um ponto de partida universal, também são posições. Para desestabilizar essas posições hegemônicas, os movimentos negros cumprem um papel central na incorporação de cognições antirracistas, incluindo conhecimentos sobre identidades, papéis e relações, e centralmente os discursos antirracistas.

Dos tuítes de Vini Jr. à manifestação institucional e política

Para van Leeuwen (2008, p.8), “o centro de qualquer prática social é o conjunto de ações executadas em sequência que podem ser fixadas em maior ou menor grau e que podem ou não permitir escolhas”. Os eventos racistas em jogos desportivos, ao seguirem práticas racistas rotineiras, seguem sequências estáveis que respondem a propósitos específicos, visto que as “diferentes práticas sociais são ‘reguladas’ em diferentes níveis e em diferentes maneiras” (p. 7).

O caso que aqui estudamos ilustra isso: o evento racista performado naquele dia 21 de maio de 2023 em Valencia seguiu a previsão semiótica para eventos racistas no contexto do futebol profissional: as ofensas racistas reproduziram a simbologia desse discurso (por exemplo, na desumanização da vítima de racismo, nos gritos em eco), animando um ator social coletivo que se engajou na prática por meio de palavras de ordem; buscando o propósito pragmático de desestabilização do jogador em sua atuação profissional; contando para isso com a conivência da equipe técnica de arbitragem. A expulsão de Vini Jr. também faz parte desse modelo de contexto (van Dijk, 2008b).

É a reação do jogador, posterior ao evento racista e em outro domínio - das redes sociais, com ampliação para os principais jornais - que desafia a previsão na prática, e assim desafia a estrutura. No tuíte publicado em 21 de maio de 2023, Vini Jr. se expressa acerca do evento racista sofrido logo antes, no jogo contra o Valencia. Reproduzimos o tuíte na íntegra a seguir.

← Tweet



Vini Jr.  
@vinijr

...

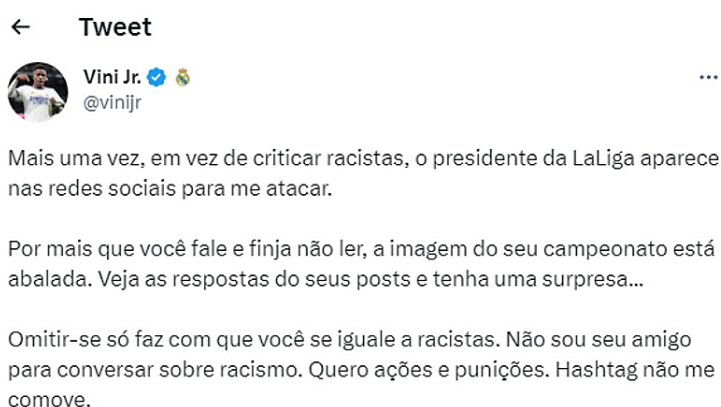
Não foi a primeira vez, nem a segunda e nem a terceira. O racismo é o normal na La Liga. A competição acha normal, a Federação também e os adversários incentivam. Lamento muito. O campeonato que já foi de Ronaldinho, Ronaldo, Cristiano e Messi hoje é dos racistas. Uma nação linda, que me acolheu e que amo, mas que aceitou exportar a imagem para o mundo de um país racista. Lamento pelos espanhóis que não concordam, mas hoje, no Brasil, a Espanha é conhecida como um país de racistas. E, infelizmente, por tudo o que acontece a cada semana, não tenho como defender. Eu concordo. Mas eu sou forte e vou até o fim contra os racistas. Mesmo que longe daqui.

A representação do racismo no futebol por Vini Jr. enfatiza seus aspectos de continuidade como reiteração ("não foi a primeira, nem a segunda e nem a terceira") e como naturalização ("é o normal"; "A competição acha normal, a Federação também"). Denuncia também seu propósito pragmático de influenciar resultados no esporte ("os adversários incentivam"). Nessa primeira reação, o jogador responsabiliza as instituições (La Liga, times) pela recorrência do racismo no futebol espanhol, mas mitiga a crítica ao povo ou às pessoas individualmente. Seu foco é no racismo institucional: é às instituições que seu dedo aponta. A autorrepresentação do jogador no contexto dos ataques sofridos sinaliza alguém que lamenta (os efeitos para como se percebe a Espanha racista), ama (o país que o acolheu), concorda (que a Espanha é mesmo racista) e resiste (é forte para resistir). Expressando-se principalmente no campo do conhecimento, Vini Jr. se apresenta como sujeito epistêmico.

Seu tuíte provoca resposta de Javier Tebas Medrano, Presidente da La Liga, conhecido apoiador de partido de extrema direita espanhol. Tebas posta naquele mesmo dia: "Antes de criticar e ofender a liga espanhola, é necessário que você se informe adequadamente. Não se deixe manipular e procure entender bem as competências de cada um e o trabalho que temos feito juntos". O dirigente tenta responsabilizar o jogador, operando contra a afirmação de Vini Jr. como sujeito epistêmico. No pressuposto ativado pelo cartola espanhol, Vini Jr. seria desinformado, manipulado e incapaz de compreender. O não reconhecimento do outro como sujeito cognoscente, como ser que pensa e conhece, é uma estratégia discursiva do racismo, vinculada ao racismo científico, mas também a outras esferas do racismo cotidiano, como neste caso.

Essa reação lembra o primeiro dos cinco mecanismos de defesa do ego por que passa o sujeito branco diante de sua própria branquitude, que Grada Kilomba (2019) retoma de Gilroy: negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. Em negação, Tebas retorna a crítica a Vini Jr., infantilizando-o no estilo próprio do discurso racista, negando-lhe reconhecimento de subjetividade plena (pois seria incapaz de compreensão).

Vini Jr. não tarda em responder a Tebas:



Vini Jr. recusa entrar em debate com Tebas sobre o que é ou não racismo ("não sou seu amigo"). Para Ribeiro (2018), a empatia é um processo intelectual, e para compreender uma realidade, é preciso buscar o conhecimento nas muitas páginas disponíveis sobre diversos aspectos do racismo. A postura ética exige compreensão de mundo para além do mundo branco Norte-global, e reconhecimento da própria responsabilidade como sujeito privilegiado. É à falta de interesse branco na compreensão do racismo e o próprio papel no jogo subalternidade-privilégio que gera o enfado que Vini Jr. expressa.

Ele exige punições concretas, para além das hashtags de apoio que nesse momento já se faziam virais. Com a repercussão do caso, ele refere os comentários aos posts como argumento de dado concreto para sustentar o efeito negativo para a imagem do campeonato espanhol, ironicamente referido como "o seu campeonato".

Embora não questione a capacidade de compreensão de Tebas, sugere fingimento: não é que não compreenda, mas que finge não compreender. O valor epistêmico segue central ao conflito. Ecoando a frase atribuída a Angela Davis, e slogan do movimento negro, "não basta não ser racista, é preciso ser antirracista", o jogador aponta omissão e 'vista grossa' do cartola. No dia

seguinte, o jornal espanhol Marca estampou a frase como título de seu editorial:

Imagem 3. Capa do jornal espanhol Marca



Fonte: reproduzido em O Globo. Retirado de

<https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/05/nao-basta-nao-ser-racista-tem-que-ser-antirracista-estampa-o-jornal-marca-um-dos-maiores-da-espanha.ghtml>

Em sua conta no Twitter, também no dia 22 de maio, o atleta brasileiro publicou uma compilação de vídeos de episódios racistas que sofreu desde setembro de 2022 em diversas cidades espanholas. O vídeo foi acompanhado do seguinte texto escrito:

O vídeo, assim como o texto verbal, destaca a recorrência dos ataques sofridos, e seu aspecto de desumanização. O jogador é reconhecido como corpo a ser eliminado simbolicamente; é o *damné* detectado, excessivamente visível e incômodo, cuja inexistência é desejada (Fanon, 2015; Ramose, 2018). Vini Jr. recusa a individualização dos casos: trata-se de uma continuidade, um ataque coletivo a que ninguém responde, não há responsabilidades apontadas ou buscadas. Como resistente a eventos racistas enfrentados, Vini Jr. escancara os modelos mentais desse tipo de eventos em sua narrativa multimodal, apontando os padrões de contexto, participantes, papéis, relações, e assim põe em relevo a dinâmica de reiteração. Os registros em vídeo também desafiam as possibilidades de responsabilização não apurada pelas autoridades.

No mesmo dia, o Real Madrid acionou a Procuradoria-Geral da Espanha para providências, atribuindo aos ataques sua natureza como crimes de ódio e discriminação. A Federação Espanhola de Futebol decidiu nesse mesmo dia pela demissão do árbitro de VAR que havia selecionado, para instruir o árbitro

da partida na decisão de expulsar o brasileiro, apenas imagens da reação de Vini Jr. ao ataque, mas não o trecho em que é vítima de uma “gravata” aplicada por jogador (branco) do Valencia. Posteriormente, foi divulgada a demissão de outros árbitros da equipe que conduzia a partida.

← Tweet



Vini Jr.
@vinijr

...

A cada rodada fora de casa uma surpresa desagradável. E foram muitas nessa temporada. Desejos de morte, boneco enforcado, muitos gritos criminosos... Tudo registrado.

Mas o discurso sempre cai em “casos isolados”, “um torcedor”. Não, não são casos isolados. São episódios contínuos espalhados por várias cidades da Espanha (e até em um programa de televisão).

As provas estão aí no vídeo. Agora pergunto: quantos desses racistas tiveram nomes e fotos expostos em sites? Eu respondo pra facilitar: zero. Nenhum pra contar uma história triste ou pedir aquelas falsas desculpas públicas.

O que falta para criminalizarem essas pessoas? E punirem esportivamente os clubes? Por que os patrocinadores não cobram a La Liga? As televisões não se incomodam de transmitir essa barbárie a cada fim de semana?

O problema é gravíssimo e comunicados não funcionam mais. Me culpar para justificar atos criminosos também não.

No es fútbol, es inhumano.

Após participação na reunião do G7, celebrada no Japão, o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva falou em entrevista sobre o caso e, na mesma direção do post de Vini Jr., cobrou medidas efetivas. No Brasil, a Comissão de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial da Câmara dos Deputados do Brasil publicou nota de “veemente repúdio aos ataques racistas sofridos pelo atacante brasileiro Vinícius Júnior, jogador do clube espanhol Real Madrid”. Em coletiva de imprensa, a Ministra da Igualdade Racial brasileira, Aniele Franco, também falou sobre Vini Jr. e comprometeu-se a intimar autoridades espanholas a se pronunciarem sobre “os próximos passos”. No mesmo dia, o ministro da Justiça do Brasil, Flávio Dino, ameaçou aplicar a legislação brasileira contra agressores do jogador nos reiterados ataques que sofreu na Espanha. Trata-se do princípio da extraterritorialidade, que o Código Penal brasileiro prevê como um “remédio extremo” quando autoridades estrangeiras se mostram inertes em crimes contra brasileiros no exterior.

No dia seguinte, sete pessoas foram presas por participação em ataques contra Vini Jr.: quatro ligadas ao episódio de simulação de enforcamento de um boneco identificado com o jogador em um viaduto de Madri, um dos eventos expostos na compilação divulgada por Vini Jr. na véspera, e três detidos pelo caso de Valencia.

Uma nota conjunta foi emitida pelos ministérios do Esporte, da Igualdade Racial, das Relações Exteriores, da Justiça e Segurança Pública e dos Direitos Humanos e Cidadania. Por meio dessas pastas ministeriais, o governo brasileiro repudiou formalmente os ataques e ofereceu cooperação ao governo espanhol para fazer frente às agressões racistas no esporte. No mesmo dia, reacendendo a tensão diplomática em torno do caso, um grupo de organizações do movimento negro manifestou-se em apoio a Vini Jr., em ato no Consulado da Espanha em São Paulo. Na ocasião, o ativista da Coalizão Negra por Direitos Douglas Belchior sugeriu que outros atos fossem realizados em outros estados do Brasil.

Em 24 de maio, o Alto Comissariado da ONU também se manifestou em repúdio ao racismo nos estádios. O comissário da ONU para os Direitos Humanos, Volker Turk, destacou os ataques contra o jogador brasileiro como um alerta da necessidade urgente de os dirigentes do futebol profissional assumirem ações para prevenir e conter o racismo. No mesmo pronunciamento, apresentou compromisso da ONU para preparar um guia de protocolos e recomendações para casos de racismo em esportes.

E depois? Considerações para encerrar

O episódio racista contra Vini Jr. em 21 de maio extrapolou o universo do esporte e ganhou repercussão internacional e política, com apoio à postura do jogador. Muitos clubes, treinadores e jogadores se manifestaram para denunciar o racismo recorrente no futebol e exigir soluções. Os principais jornais pautaram o caso e se posicionaram em editoriais contra o racismo no esporte.

Em 19 de junho, quase um mês após o ataque contra Vini Jr., o governo brasileiro criou um grupo de trabalho para elaborar meios de combater o

racismo nas áreas do esporte e lazer. A equipe foi formada por representantes da sociedade civil, de empresas públicas e de entidades governamentais indicadas pelo Ministério da Igualdade Racial e pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública. O grupo de trabalho entregou seu relatório um mês depois, em julho, incluindo fundamentação legal, diagnóstico, ações vinculadas a entidades desportivas, atletas, torcida, veículos de comunicação, e orientações e diretrizes.³

Em julho, o Ministério do Interior da Espanha apresentou decisão que amplia o poder das forças de segurança no combate ao racismo em estádios. A nova instrução institui que o comando policial responsável pela coordenação da segurança em partidas poderá indicar ao juiz não iniciar, paralisar ou suspender, temporária ou definitivamente, uma partida, ou mesmo esvaziar o estádio, em decorrência de incidente racista. Antes, essa decisão era prerrogativa exclusiva do árbitro. Essa pode ser considerada uma decisão cosmética de efeito duvidoso, pois se as equipes de arbitragem são racistas, as forças de segurança também são.

Este exercício de mapeamento de relações entre a prática reiterada de racismo contra Vini Jr. e sua reação nas redes sociais, que promoveu engajamento de outros atores, especialmente midiáticos e políticos, aponta aspecto inovador na prática, inclusive pelo engajamento e tração nas redes que foi capaz de gerar. Se o racismo no campeonato espanhol está longe de ser uma novidade, a reação do jogador no caso de 21 de maio de 2023 e sua relação firme com discursos antirracistas, associadas a uma visibilidade midiática global, produziram efeitos que tornaram o episódio distinto, com consequências expansivas.

O racismo institucional certamente segue balizando eventos racistas nas práticas do futebol, mas no caso dos ataques de maio contra Vini Jr., graças a sua reação insubmissa, a mediação por meios massivos de comunicação foi influenciada pelas mídias sociais, ampliando possibilidades de punição

³ O "Relatório do grupo de Trabalho Técnico com a finalidade de elaborar um plano de ação do Governo Federal para o combate ao racismo nas áreas de esporte e lazer" é público e está disponível em https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/copy2_of_noticias/ministras-anielle-franco-e-anamoser-divulgam-relatorio-sobre-combate-ao-racismo-nos-esportes/esporte-sem-racismo-press-kit-1.pdf. Acesso em 13 set. 2023.

também estimuladas pelas relações políticas e diplomáticas acionadas pelo governo brasileiro.

Reconhecendo as relações dialéticas entre os elementos internos das práticas, podemos concluir que as respostas ao racismo no futebol profissional foram nesse caso desafiadas pela natureza inovadora da reação de Vini Jr., sua possibilidade de ampliação pela visibilidade midiática do jogador e o momento político no Brasil, levando a uma desarticulação da tolerância ao racismo nesse contexto, e no mínimo promovendo a circulação dos discursos antirracistas amplificados na voz de Vini Jr.

Assim como discursos contextualmente localizados podem ser explicados em termos causais, podem também ser identificados como tendo poderes causais em eventos. É a isso que os estudos críticos do discurso se referem como 'relação dialética entre linguagem e sociedade' (Resende, 2017b). Aspectos discursivos de práticas sociais, como representações discursivas de eventos e práticas, podem ter efeitos causais na sociedade; podem, por exemplo, legitimar certos modos de ação ou desencadear uma cadeia de eventos como a que vimos.

Obviamente os efeitos do caso dos ataques contra Vini Jr. e sua visibilidade são também consequência do papel que ele desempenha na prática hipervalorizada do futebol profissional. As mudanças que o caso promove no nível da prática não alteram de maneira substantiva as estruturas racistas que acionam dinâmicas racistas. Por exemplo, o mesmo país que acionou resistência nas mídias sociais, no jornalismo profissional, no campo político e diplomático nesse caso de ataques racistas não realizou semelhantes operações no caso do brutal assassinato de Mãe Bernadete ou nos casos das mortes de crianças negras em ações policiais no mesmo ano.

Os assassinatos da liderança quilombola ou da infância periférica não são socialmente compreendidos como práticas racistas, resultado do vínculo entre as ideologias racistas de democracia racial e de meritocracia neoliberal? O trabalho estruturante do racismo segue operando como sempre, e a movimentação da dinâmica do racismo institucional no futebol profissional permanece desarticulada de outras esferas.

Referências

- ARAÚJO, Guilbert Kallyan Da Silva. Racismo contra Vini Jr.: O mundo que não deixou o preto brilhar. Opinião, **Brasil de Fato**. Recife, 2023.
- BHASKAR, Roy. Critical realism and dialectic. In: M. ARCHER (org.), **Critical Realism: essential readings**. London: Routledge, p. 575-640, 1998.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COLLINS, Patricia Hil. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- ESTEVA, G. Palestra no Painel 3 "Um outro mundo é possível". Colóquio pelos 40 anos do CES. **A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas**. Coimbra, novembro de 2018.
- FAIRCLOUGH, Norman. (Org.). **Critical language awareness**. London: Longman, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: the critical study of language**. 2. ed. London: Pearson Education, 2010.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: UFBA, 2010.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpos e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorex. São Paulo: Elefante, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GROSFOGUEL, R. Palestra no Painel 3 "Um outro mundo é possível". Colóquio pelos 40 anos do CES. **A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas**. Coimbra, novembro de 2018.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Socialist Strategy: toward a radical democratic politics**. London: Verso, 1985.
- MAGALHÃES, Izabel. Pesquisa qualitativa, crítica social e análise de discurso crítica. In: I. MAGALHÃES et al. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora UnB, 2017.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. On the colonality of being: contributions to the development of a concept. **Cultural Studies**, v. 21, p. 240-720, 2007.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes, 2021.

PEREIRA, Almicar Araujo et al. Os “rolês” do movimento negro brasileiro na atualidade, nas “pegadas” da educação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 75, p. 162-183, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i75p162-183>.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

RAMOSE, M. Palestra no Painel 2 “Pensar o contemporâneo”. Colóquio pelos 40 anos do CES. **A imaginação do futuro. Saberes, experiências, alternativas**. Coimbra, novembro de 2018.

RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: RESENDE, Viviane de Melo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (Orgs.) **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas: Pontes, 2017a, p. 11-52.

RESENDE, Viviane de Melo. Textos e seus efeitos sociais como foco para a crítica social. In: MAGALHÃES, Izabel et al. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora UnB, 2017b.

RESENDE, Viviane de Melo. Perspectivas latino-americanas para decolonizar os estudos críticos do discurso. In: RESENDE, Viviane de Melo (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas: Pontes, 2019, p. 19-46.

RIBEIRO, Djamila. Conferência **Diversidade Cultural e de Gênero no Brasil: A Construção de uma Sociedade Democrática e Fraterna e o Respeito às Diferenças**. Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, abril de 2018.

SODRÉ, Muniz. **O Fascismo da Cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

VAINER, Lia. **Supremacia branca e privilégio**. Entrevista a A. DIP; C. LEVY. Podcast Pauta Pública, episódio 88. 8 de setembro de 2023.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and Power**. Basingstoke; New York: Palgrave Macmillan, 2008a.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and Context: a sociocognitive approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008b.

VAN DIJK, Teun A. **Society and Discourse: how social contexts influence text and talk**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

VAN DIJK, Teun A. **Discourse and Knowledge: a sociocognitive approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso antirracista no Brasil: da abolição às ações afirmativas**. São Paulo: Contexto, 2021.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2008.